



Conhecemos Carvalho Calero

Umha vida polo galego e a Galiza

FUNDAÇOM **ARTÁBRIA**



visto polo artista Leandro Lamas

Carvalho Calero



<Conhecemos Carvalho Calero.

Umha vida polo galego e pola Galiza>

É umha edição especial da Fundação Artábria em homenagem ao Professor Ricardo Carvalho Calero, com motivo do décimo aniversário do seu falecimento.

Primeira edição impressa: Terra de Trasancos, Galiza. Março de 2000.

Primeira edição digital: Terra de Trasancos, Galiza. Fevereiro de 2007.

Elaboração e maquetación: Grupo de Língua da Fundação Artábria.

Design da capa: Lukas.



Travessa de Batalhons, nº 7, rés-do-chao.
Bairro de Esteiro, 15403, Ferrol (GALIZA)
Sítio web: artabria.agal-gz.org

Como sabes, o galego é hoje maioritariamente escrito com o sistema gráfico do espanhol minimamente adaptado. Esta infeliz realidade evita que o conjunto dos galegos e galegas podamos identificar-nos com a escrita tradicional galega que, com pequenas diferenças, foi adoptada em Portugal, no Brasil e restantes países de fala galega no mundo.

Referimo-nos à escrita tradicional que podes achar na obra lírica da nossa literatura medieval, que foi substituída pela castelhana a partir sobretudo do século XIX, e cuja recuperação defendeu Carvalho Calero e hoje defendemos outros muitos galegos e galegas.

Para facilitar-che a leitura deste caderno, apresentamos-che a seguir as correspondências fónicas das letras e terminações menos comuns nos textos a que habitualmente téis acesso:

LH. *Ele agá.* A sua pronúncia corresponde-se com o *duplo ele* (LL) espanhol.
Carvalho, filha, alho.

NH. *Ene agá.* Pronuncia-se como o *eñe* (Ñ) espanhol.
Minho, Corunha, sabrinho

SS. *Esse duplo.* A sua pronúncia é a mesma que a do *esse simples* (S)
Congresso, nosso, fosse.

Ç. *Cê cedilha.* Tem a mesma pronúncia que o *zeta* ou o *cê* diante de e, i.
Justiça, açúcar, traça.

-M. *Eme final.* A consoante nasal final em galego é sempre *eme* e nunca *ene*. A sua pronúncia é a que todas e todos lhe damos habitualmente na Galiza.
Fim, paixom, tamém.

J e G. *Jota e gê.* Como todas as línguas vizinhas da nossa, o galego usa *jota* e *gê*, que se pronunciam igual que o *xis* (X) de *feixe*.
Geografia, janela, religiôm.

As terminações **-COM**, **-SOM**, **-XOM**, **-TOM** som as autenticamente galegas. Presentes ainda em textos de Rosalía, Pondal e outras escritoras e escritores, foi substituída na fala pelas terminações do espanhol **-CIÓN**, **-SIÓN**, **-XIÓN**, **-TIÓN**. Devemos, portanto, recuperá-las.
Naçom, precisom, reflexom, questom.

Dez anos depois... Conhecemos Carvalho Calero

Em Março de 2000, cumprírom-se dez anos do falecimento deste ferrolá, de quem poderíamos salientar múltiples virtudes como intelectual e polígrafo, cultivador de poesia, teatro, romance e ensaio literário, filológico ou sociolingüístico, além de brilhante orador.

Com efeito, estamos perante umha das máis relevantes figuras intelectuais galegas do século que termina, o que por si só o fai merecente de ocupar um lugar de destaque num Ensino Nacional Galego, representando a sua ausência actual umha máis que evidente prova da inexistência desse ensino com maiúsculas de que o povo galego tanto precisa.

Nestas páginas, realizamos um percurso pola sua existência vital primeiro e por alguns fragmentos significativos da sua produçom sociolingüística depois. Pretendemos assi apresentar umha das faces máis submetidas ao ocultamento oficial já em vida de Carvalho, e sintomaticamente máis úteis para a compreensom e transformaçom de umha realidade social tam desfavorável para o idioma galego como a que hoje habitamos.

O nosso intuito é popularizar entre a mocidade a figura deste autor, rompendo o silenciamento e reivindicando o profundo patriotismo que caracteriza o seu insubornável percurso vital, quer fosse em tempos da II República e o Partido Galeguista, a brutal ditadura franquista, ou a etapa histórica máis recente. Em todo o momento, Carvalho demonstrou o seu compromisso com os direitos colectivos do povo galego, e é esse invulgar traço que queremos sublinhar nesta humilde homenagem que lhe rendemos desde a sua terra natal.

a sua vida

conhecemos carvalho calero

Nascimento e primeiros anos em Ferrol



1918. Vista do Mercado Central de Ferrol nos anos
da infância de Carvalho Calero

RICARDO CARVALHO CALERO

(Ferrol, 1910 - Compostela, 1990)

Ricardo Carvalho Calero nasce a 30 de Outubro de 1910 na rua de S. Francisco, na casa nº 51 e no bairro máis antigo de Ferrol, assi reconhecido polo nome de Ferrol-Velho.

Seus pais eram Maria Dolores Calero Beltrám e Gabriel Ricardo Carvalho Naia. Ricardo é o mais velho de seis irmaos, dos quais dous morrem na infância.

Em 1919, vê como a sua mae morre, provavelmente por mor dumha epidemia de tifo.

Os seus primeiros anos em Ferrol resumem-se perfeitamente neste excerto do seu poema *Ferrol, 1916*.

Ferrol, 1916

*Cinco duros pagávamos de aluguer,
Era um terceiro andar, bem folgado.
Pola parte de atrás dava ao Campinho,
e por diante à rua de San Francisco.*

(...)

*Ainda vivia minha nai
e todos os meus irmáns viviam,
e em frente trabalhava o senhor Pedro o toneleiro,
e a grande tenda de efeitos navais mantinha o seu tráfego*

(...)

*Via o mar desde a minha fiestra,
e chegavam cornetas da marinha.
E baixava os degraus duas vezes ao día para ir à escola,
e duas vezes rubia-os de volta.*

*As mulheres entom usavam capa e corsé,
e íamos à aldeia em coche de cavalos,
e a rua estava ategada de pregóns de sardinhas
e de ingleses que vendiam Bíblias.*

(...)

*Todo isto fica tam longe
que aduro podo ainda lembrá-lo.
Esqueceria-o dentro de pouco tempo
se nom escrevesse estes versos.*

(1- tanoeiro; 2- corpinho)

Em «Avalon», *Futuro Condicional* (1961- 1980),
Eds. do Castro, 1982.

conhecemos carvalho calero

Primeiros estudos Primeiros escritos O teatro Jofre

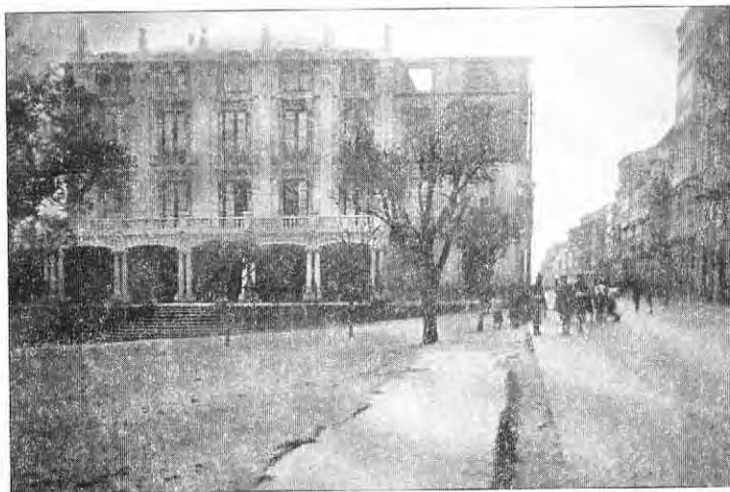


Image do Teatro Jofre em começos do século XX

Depois dos primeiros estudos numha escola da rua Madalena, estuda no Colégio "Sagrado Coração de Jesus", que dirige o escritor Manuel Comelhas Coimbra, autor da obra dramática *Pilara ou grandezas dos humildes*, com quem inicia os seus estudos de latim, e prepara por livre os seus estudos de Bacharelato.

De mui pequeno, assiste às sessões de teatro e também de cinema que se celebravam no **Teatro Jofre**, ao mesmo tempo que começa a ler romances, teatro e a fazer os seus primeiros escritos: poemas, alguns já em galego, que publica na revista "Maruxa".

«Eu recordo que havia um texto, "A Galicia", chamava-se, ou algo así, e recordo o primeiro verso: "Terra enfeitada, pois doutra maneira..."»

Em *Conversas en Compostela con Carvalho Calero*,
Fernán Vello, Pillado Mayor, Sotelo Blanco, 1986.

Pouco despois começou a colaborar na *Revista Gallega* e no jornal local (com que a mãe lhe ensinou a ler), *El Correo Gallego*.

Nestes primeiros trabalhos, Carvalho Calero contava com o estímulo do socialista e galeguista Jaime Quintanilha, personalidade notável da vida cultural e social ferrolá e galega daqueles tempos.

conhecemos carvalho calero

A Universidade. A ditadura de Primo de Rivera



Carvalho nos anos de estudante universitário

Em 1926, aos dezasseis anos, termina o Bacharelato e matricula-se na universidade compostelana no daquela 1º ano do curso de Filosofia e Letras e preparatório de Direito. Desde os primeiros momentos relaciona-se com os estudantes do *Seminário de Estudos Galegos*: Filgueira Valverde, Sebastián González, Ramon Martínez López...

Som anos dumha grande actividade intelectual e política, em plena ditadura militar de Primo de Rivera. Participa dos movimentos de resistência estudantil, combinando a oposição política com a promoção cultural, chegando a ser presidente da Federação Universitária Escolar (F.U.E.), entidade sindical-escolar.

« Os estudantes éramos todos, naquela época, nom só liberais e anti-ditatoriais, senóm republicanos: os que nom o eram, que sem dúvida eram bastantes, quase nom se atreviam a dizê-lo. Era umha época na que estava no ambiente a resistência à ditadura e todo o mundo desejava o que chamávamos umha Espanha melhor, umha Espanha mais justa... »

Nom quer dizer isto que a vida intelectual nom tivesse importância. Estavam mui ligadas, precisamente, digamos, a oposição política e a promoção cultural, de maneira que os estudantes líamos entom os poetas da "Generación del 27", que eram os que estavam na moda, os grandes poetas: Salinas, Guillén, Lorca e Alberti. Todos os mais considerávamo-los já de segunda orde.

É a época tamém da criação, do funcionamento da "Federación Universitaria Escolar": a FUE, que era umha entidade Sindical- Escolar; mas por motivo dumha lei, ou dum decreto, de Primo de Rivera que autorizava a validez dos títulos que a Universidade de Deusto e que se equiparavam aos concedidos polas universidades oficiais, começaram as actividades anti-ditatoriais entre os estudantes e preparáram-se as primeiras greves. Esta etapa vivim-na intensamente. Lembro as cargas da Guarda Civil dacavalo no campo de Dom Mendo, que ocupava o espaço que hoje é campus universitário, diante dos colégios maiores ».

Em *Conversas en Compostela con Carvalho Calero*, Fernán Vello, Pillado Mayor, Sotelo Blanco, 1986.

Em 1928, publica o seu primeiro livro de versos *Trinitarias*, que recolhe poemas escritos dos 14 aos 16 anos, todos em espanhol, e o texto dumha conferência *« En torno a las ideas comunistas de Platón »*.

conhecemos carvalho calero

A cultura galega.
O Seminário de Estudos
Galegos.



A etapa universitária de Carvalho Calero ficou marcada pola sua incorporação ao **Seminário de Estudos Galegos (S.E.G)**, o que supom a consolidação do seu compromisso pola cultura galega, já manifesto durante a sua adolescência.

O ferrolá ingressou no S.E.G. em Abril de 1927 com a leitura duns poemas. Nele, ademais de membro das secções de "História da Literatura" e de "Ciências Sociais, Jurídicas e Económicas", chegou a exercer como Secretário Geral.

O *Seminário de Estudos Galegos* será o organismo catalisador do ambiente intelectual da época, local de reunions continuamente freqüentado pola gente do Grupo «Nós»: Vicente Risco, Daniel Castelao, Otero Pedraio, López Cuevilhas. Estes serán para o pessoal do Seminário um grupo de referência constante.

Destes tempos, do convívio com as gentes do Seminário, de «Nós», guardava D. Ricardo um especial afecto e grandes saudades.

« Os meus companheiros habituais eram os galeguistas que trabalhavam no Seminário [de Estudos Galegos]. Nos últimos tempos da minha estância em Santiago, ao ser da tarde, depois de trabalhar em Fonseca, onde estava instalado por entom o Seminário, saía daquel edificio com Sebastián González e António Fráguas e dávamos umhas voltas pola Rua do Vilar ou pola alameda, segundo a estação (...)»

«Lembranzas de Luís Seoane» (1979) em *Libros e Autores Galegos II*, 1982.

conhecemos carvalho calero

O Partido Galeguista



Castelao, Otero Pedraio, Risco, Álvaro das Casas, Paz Andrade,
Álvarez Gallego, Fernández Mato, Filgueira Valverde,
Carvalho Calero e Alexandre Bóveda, num cartaz
que anuncia os actos do Dia da Pátria

Em 1931 termina os seus estudos de Direito com um brilhante expediente académico. Publica na editora «Nós», de Ángel Casal, o seu primeiro poemário em galego: *Vieiros*.

Neste mesmo ano é cofundador do Partido Galeguista e posteriormente membro, junto de Daniel Castelao, Alexandre Bóveda, Lugris Freire, Paz Andrade e Tobio Fernández, dum «Conselho Assessor» do mesmo.

«Eu assistim, efectivamente, à reunião que se verificou em Pontevedra em Dezembro do ano 1931 e na que se constituiu o Partido Galeguista, único partido ao que pertencim toda a minha vida. Como é sabido, fundírom-se diversos grupos: um partido nacionalista -«nazonalista», dizia-se entóm de Ourense, no que figuravam Risco e Otero Pedraio; um grupo galeguista de Pontevedra, formado ao redor de Castelao; um grupo autonomista de Vigo, cuja figura mais destacada era Paz Andrade, e havia tamém muita gente independente até aquel momento. Por outra parte, estes mesmos grupos acabavam de constituir-se ou imediatamente antes da proclamação da República [1931] ou imediatamente despois».

Em *Conversas en Compostela con Carvalho Calero*,
Fernán Vello, Pillado Mayor, Sotelo Blanco, 1986.

Intervém em muitos actos e elabora juntamente com Luís Tobio o primeiro *Anteprojecto de Estatuto de Autonomia para Galiza*, de concepção federalista, que se iniciava assim: «A Galiza é un Estado libre drento da República Federal Española (art. 1º)».

Em 1933, tem de abandonar Compostela, e ingressa por concurso como funcionário no Concelho de Ferrol. Casa com M^a Inácia Ramos, natural do Concelho de Baleira.

O labor literário destes anos cristaliza no livro de poemas *O silencio axonllado* (1934), nas colaborações em jornais e revistas epocais, e na escrita de duas obras dramáticas: *O fillo e Isabel*, esta última acabada despois da guerra. Estas peças, pensadas para ser publicadas pola editora Nós, continuam a linha iniciada em 19 polas *Irmandades da Fala*, e interrompida pola ditadura de Primo de Rivera, com que o nacionalismo queria demonstrar que o galego era umha língua apta para todos os usos e funções, para todas as classes sociais, e nom um dialecto exclusivo de marinheiros e labregos.

conhecemos carvalho calero

1936: o Estatuto de
Autonomia.

1936: o levantamento
militar. A Guerra. A brutal
repressom. A ditadura
fascista (I)



Cartaz de apoio ao estatuto galego

Em Janeiro de 1936 termina Filosofia e Letras, que estudara por livre. Neste mesmo ano, e apesar de constantes obstáculos, vai calhar com êxito o labor do Partido Galeguista a prol do reconhecimento nacional da Galiza nas Cortes da República, mediante a consecução em Referendo dum Estatuto de Autonomia.

A 28 de Junho de 1936, aprova-se por umha folgada maioria do povo galego o Plebiscito de Estatuto de Autonomia da Galiza. Porém, poucos dias depois, a 18 de Julho produze-se a sublevação militar, instigada da direita reaccionária, contra o novo governo progressista da Frente Popular (que derrotara à direita em eleições a inícios de ano), e contra a legalidade republicana vigente. Isto vai conduzir cara um enfrentamento armado entre os valedores da República e os alçados, que acabariam vencendo. Nas suas costas está provocar a guerra e umha feroz repressom, que causariam inúmeras mortes. Deste modo infeliz, impujo-se pola força das armas e do terror um regime ditatorial de matriz fascista durante quatro décadas: a longa noite de pedra.

O Estatuto Galego nom chegará a concretizar-se até 1980; depois da morte do ditador, a reforma política da ditadura e a restauração borbónica. Isto é, convertendo o quadro republicano e federal de 36 no que trabalhârom as pessoas do Partido Galeguista, num impensável quadro político monárquico...

A sedição surpreendeu Carvalho em Madrid apresentando-se a concurso para catedrático de liceu. Cá coincide com a delegação galega, Castelao à cabeça, que ia apresentar ante as Cortes espanholas os resultados oficiais do recente referendo estatutário.

Estar em Madrid supom a sua salvação, pois esta fica em maos da República até os dias finais da guerra (1939), enquanto na nossa terra, o bando alçado ("nacional"), consegue em pouco tempo impor-se ao longo do país, iniciando umha brutal repressom e extermínio físico de todas aquelas pessoas fiéis à República, progressistas, democratas; enfim, membros, simpatizantes ou partidárias da coligação triunfante da Frente Popular, como o fôrom a gente do Partido Galeguista.

conhecemos carvalho calero

A destruição do processo
de reconstrução nacional
galega.

O terror e a barbárie.

O cárcere. A ditadura
fascista (II).



"Non enterran cadavres: enterran semente".
Estampa antifascista de Castelao

É assi que se efectivou na Galiza umha matança selectiva do máis lúcido do país, da intelectualidade dirigente, provocando um enorme terror entre a população e o que motivou, nom só umha ruptura geracional nas fileiras do galeguismo, mais tamém grande medo nas famílias - estigmatizadas pola barbárie (que ainda hoje se percebe, ao ser transmitida de geraçom em geraçom), a serem reprimidas por qualquer atitude identificativa com o país e contra do regime.

Deste modo cruel, o imenso esforço de reconstrução nacional do que Ricardo Carvalho Calero foi protagonista activo, iniciado na década de 20 polas Irmandades da Fala e continuado nos anos 30 polo Partido Galeguista; e que tinha como ponto fulcral e culminante a consecução do Estatuto de Autonomia para a naçom galega (a basca e a catalá conseguiram-no com anterioridade), ficou fanado, cortado dum modo brutal, polo golpe militar e a ditadura fascista.

Carvalho, umha vez em Madrid, incorpora-se como miliciano ao exército republicano, participando na defensa da capital do Estado, sendo despois elevado a Oficial e deslocado com o Governo da República à cidade mediterrânea de Valência, e máis tarde para o Exército da Andaluzia, onde foi detido.

Em 1939, terminada a guerra é julgado e condenado (tendo primeiramente umha condenação polo fiscal à cadeia perpétua, por ser oficial do exército republicano e separatista, membro do Partido Galeguista), a 12 anos e um dia de prisom maior, ficando no cárcere até o ano 41, em que regressa a Ferrol em liberdade controlada, dedicando-se ao ensino privado, pois o privam de poder colegiar-se.

Os amargos recordos desses anos ficaram imortalizados no seu romance *Scórpio* e na obra poética.

Nos anos de posguerra o labor literário vai ser muito intenso: escreve três obras dramáticas: *A sombra de Cristal*, *A Árbore* e *Farsa das Zocas*. Inicia-se como romancista com *A Gente da Barreira* e *Os señores da Pena*, na linha do Otero Pedraio, que recria e recupera o passado recente procurando a explicação da nossa sociedade. A seguir estas crónicas do passado viram as do mundo da sua infância: *O Lar de Clara*, *As Pitas baixo a Chuvia*, *Os Tumbos* e *A Cegoña*. Tamém começam as colaboraçons no jornal «La Noche» sob o pseudónimo de Fernando Cadaval.

conhecemos carvalho calero

O imenso labor teatral e pedagógico no colégio Fingoi de Lugo



No Colégio Fingoi de Lugo

Anos depois, em 1950, deslocará-se para trabalhar em Lugo onde exercerá como professor e director do Colégio Fingoi. Aqui desenvolve a sua paixão pelo teatro adquirida na infância -encenaçom de obras de teatro galego, estreia da sua peça *A Farsa das Zocas*, e tamém, sobretudo, umha actividade pedagógica importantíssima (a máis importante do país):

"Aspirava-se a centrar o ensino no meio galego, a arraigar fortemente a educação no ambiente do país. Rejeitava-se toda pedantaria livresca que confundisse a formaçom dos rapazes com a erudiçom infantil, despersonalizada e apátrida. Nom se tratava de educar os alunos como se fossem habitantes de calquer país, como se existisse umha educação uniforme para calquer país. Sem pretender introduzir novas teorias, senom aspirando somente a praticar teorias razoáveis, procurávamos, sem mingua de lhes fornecer os conhecimentos hoje necessários para calquer pessoa civilizada, proporcionar aos alunos umha imagem imediata do mundo em que viviam, que lhes permitisse desenvolverem-se com eficaz soltura no seu próprio meio. Mais importante que aprender nos livros e nos mapas os afluentes do Óbi, como se fossem siberianos, ou os do Congo, como se fossem bantus, era levá-los à meseta das Pias para que estudassem sobre o terreno a dispersom das águas e vissem com os seus próprios olhos como, ao Norte, fluía o Mandeu cara a ria de Betanços; como ao Leste, as águas do Narla iam empatar com o Minho; de que jeito, ao Sul, a corrente do Furelos procurava a bacia do Ulha; e como, em direcçom ocidental, fluíam cara o mar as ondas do Tambre. As excursions ou viagens de estudos por Galiza, realizadas os dias feriados, e precedidas de umha cuidadosa planificaçom, permitiam aos alunos familiarizarem-se com a sua terra. A observaçom da paisage, dos tipos de cultivo, das formas de populaçom, dos monumentos arquitectónicos e das manifestaçoms da vida artesã e industrial, aspiravam a proporcionar aos escolares um conhecimento directo da realidade galega, que lhes servisse de base prática para a comprensom das diversas facetas da realidade universal.

Como consequência inescusável do espírito de referência ao meio em que o Colégio estava engravado, o cultivo dos herdos autóctones no campo artístico era um feito que dava carácter à nossa actividade. As danças galegas, os instrumentos músicos do nosso país, o teatro em língua galega merecerom sempre especial atençom. O director consagrou umha dedicaçom particular ao teatro, e chegamos a ter um grupo de actores do que pudemos estar satisfeitos. Numha época em que a legislaçom excluía a coeducaçom, conseguimos para Fingoi o reconhecimento oficial como centro experimental, o cal nos permitia educar conjuntamente nenos e nenas".

«Quinze anos em Lugo», em *Letras Galegas*, A.Ga.L, 1985.

conhecemos carvalho calero

A editora Galáxia

"A gente da barreira"

A Academia Galega

A "História da Literatura
Galega Contemporânea"



A monumental *História da literatura contemporânea* mantém hoje plena vigência para o estudo da nossa literatura nacional

Em 1950 funda-se a Editorial Galáxia e desde os primeiros momentos colabora estreitamente neste projecto, estando presente na reunião fundacional.

Em 1951 publica *A Gente da Barreira*, primeiro romance publicado em galego na posguerra, e primeiro prémio da Editora "Bibliófilos Gallegos" no ano anterior. Em 1954, doutora-se em Madrid com a tese «*Aportaciones fundamentales a la literatura gallega contemporánea*».

Em 17 de Maio de 1958 ingressa na "Academia Gallega" com o discurso «*Contribuição ao estudo das fontes literárias de Rosalia*».

O labor criativo destes anos em Fingoi calha em três poemários: *Anjo de Terra* (1950), *Poemas pendurados dun cabelo* (1952) e *Saltério de Fingoi* (1961); porém, a obra mais importante desta época luguesa, fruto de muitos anos de trabalho de investigação é a monumental *História da Literatura Galega Contemporânea*, obra básica e basilar da crítica literária galega, publicada em 1.963.

conhecemos carvalho calero

A Cátedra de Língua e
Literatura Galegas na
Universidade

As Normas Ortográficas
do galego (1979):

Reintegracionismo vs.
Isolacionismo

Em 1964-65 deixa a direcção do Colégio "Fingoi" e incorpora-se como professor interino de Língua e Literatura Galegas na Universidade de Compostela. No ano seguinte ganha a vaga de adjunto no Liceu Feminino "Rosalía de Castro", também em Compostela.

Em 1966 aparece a primeira edição da sua *Gramática elemental del gallego común*, que supujo na cultura galega um acontecimento de enorme transcendência.

Em 1971, publica: *A Sombra de Orfeu, Farsa das Zocas, A Árbore e Auto do Prisioneiro*.

Em 1972 consegue por concurso a primeira Cátedra de Lingüística e Literatura Galega na Universidade de Compostela (única universidade daquela), facto fundamental para a dignificação e divulgação da nossa língua e cultura, à vez que escola dos seus primeiros ensinantes.

Com a morte em 1977 do presidente da "*Real Academia Gallega*", Sebastián Martínez Risco, muitos organismos e instituições do país propoñem Carvalho como a pessoa óptima para ocupar esta vaga, mais tal nom aceita (também nom era um candidato bem visto pola oficialidade).

Nestes anos começa a recopilação da sua obra ensaística espalhada por revistas e jornais: *Sobre lingua e literatura galega* (1971); *Estudos Rosalíanos: aspectos da vida e obra de Rosalía de Castro* (1979); e *Libros e Autores Galegos I* (1979).

Em 1979 fai parte da Comissom Lingüística da Junta Pré-Autonómica, que elabora umhas *Normas Ortográficas do Idioma Galego*. Aquí manifestouse a divisom, máis ou menos equilibrada, entre as duas tendências normalizadoras que historicamente, desde o Rexurdimento, venhem disputando a questom da normalizaçom da língua: a "Reintegracionista" e a anti-reintegracionista ou "Isolacionista". As normas que daí saírom admitiam, desse modo, um certo número de soluçons duplas, que o tempo deveria dirimir, dando prevalência a umha sobre outra. Feito este labor, Carvalho demite-se, e a comissom dissolveu-se.

conhecemos carvalho calero

O "Decreto Filgueira" de 1982

Em favor da reintegração
lingüística

Silenciamento e
marginalização do poder



Intervençom de Carvalho no I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa organizado pola AGAL em 1987

O ferrolá começa a ser um elemento molesto para o novo poder na Junta da Galiza pola sua firme atitude em favor do reencontro da família lingüística galego-portuguesa. Isto é, pola manutençom da identidade do galego no seu tronco originário frente à tendência isolacionista, que propugna a separaçom do galego da sua história, a mutilaçom e ocultamento do passado e, portanto, seu passaporte de futuro.

Carvalho Calero, abandeirado e máximo defensor da tendência reintegracionista, nom fazia com isto máis do que seguir a linha traçada polo nacionalismo histórico, que foi sempre reintegracionista, de Murguia e as «Irmandades da Fala», até o «Partido Galeguista», do que ele fiço parte. Na década de 70, naturalmente, o reintegracionismo era também partilhado polo nacionalismo e polos sectores máis comprometidos com a nossa cultura.

O golpe de comando deu-se em 1982 aquando as "Normas Ortográficas do Idioma Galego", feitas por consenso em 79, som anuladas, numha escura manobra (instigada da *Alianza Popular* no Governo autonómico, e o máis incrível, apoiada por alguns dos antigos seguidores e colaboradores de Carvalho Calero, entregues ao novo poder oficial), e som aprovadas, mediante Decreto impositivo ("Decreto Filgueira"), as ainda vigentes *Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego (ILG-RAG)*.

Normas que consagram o isolamento do galego e do português, e a satelizaçom -castelhanizaçom- do nosso idioma, que passa a depender da forma, modelo e critérios aplicados para o espanhol, nom apenas na grafia.

Carvalho, que nom renegou da sua postura, viu-se relegado e marginalizado do poder, mesmo sendo desprezado e caluniado, até institucionalmente!, polo novo *establishment*, o que foi umha experiência sumamente dolorosa. Porém Carvalho soubo demonstrar a sua elevada estatura moral e a sua admirável ética e dignidade como pessoa, pois nunca devolveu as ofensas, e sempre que respondia era com fina ironia e benévolo humorismo.

« Todo o mundo sabe que eu professo em matéria lingüística as ideias tradicionais, as ideias de Castelao, e como estas ideias são contrárias às ideias que reinam no mundo oficial, no aspecto cultural, pois, não tenho muito predicamento, ao parecer, dentro dessas esferas. Consideram-me como um herege, como um cismático, ou como um corruptor da mocidade e se me exclui positivamente dos organismos oficiais.»

Entrevista na revista "O Ensino", 1987

conhecemos carvalho calero

A enorme produção
escrita. Scórpio
As homenages
O compromisso com o
galego e com a Galiza



Capa de *Scórpio*, romance que
apresenta traços autobiográficos

Em 1980 reforma-se, abandona a docência, mais a sua actividade criativa multiplica-se, cultivando todos os géneros: poesia, romance, teatro, ensaio, ... A partir deste ano recolhe em livros a maior parte da sua produção como crítico: *Problemas da Língua Galega* (1981); *Livros e Autores Galegos II* (1982); *Da Fala e da Escrita* (1983); *Letras Galegas* (1984); *Escritos sobre Castela* (1989); *Estudos e Ensaio sobre Literatura Galega* (1989); *Do Galego e da Galiza* (1990). Continua a sua produção poética: *Preterito Imperfeito* (1980); *Futuro Condicional* (1982); *Cantigas de Amigo e Outros Poemas* (1986); *Reticências...* (1990). Revisa e reedita toda a obra dramática e narrativa: *Teatro Completo* (1982); *A Gente da Barreira e Outras Histórias* (1982), *Narrativa Completa* (1984).

Em 1984 recusa o convite feito pelo seu antigo companheiro do *Seminário de Estudos Galegos*, Filgueira Valverde, instalado na oficialidade, para fazer parte do recém criado «*Conselho da Cultura Galega*».

Em 1987 publica *Scórpio*, considerado por boa parte da crítica o melhor romance escrito em galego.

Afastado e marginalizado do poder, recebe contínuas homenagens das amizades, do alunado e de admiradores. Cabe destacar os actos na sua honra feitos pela «*Sociedade Cultural Medúlio*» na sua terra, assim como da «*Agrupação Cultural O Facho*»; a «*Associação Alexandre Bóveda*» ou a «*Associação Sócio-Pedagógica Galega*» (A.S.P.G), entre outras. Ademais, é figura central em numerosos congressos sobre a nossa cultura, língua e literatura.

É nomeado membro ordinário da «*Academia das Ciências de Lisboa*», e membro de honra da «*Associação Galega da Língua*» (A.Ga.L) - a instituição que mais devoção professou por Dom Ricardo -, da «*Associação de Escritores em Língua Galega*» (A.E.L.G.), e também das «*Irmandades da Fala*», por ser um trabalhador constante em defesa do nosso idioma.

A 7 de Janeiro de 1990, acode à sua cidade natal, onde é nomeado Filho Predilecto de Ferrol. Morre pouco depois, em Compostela, onde morava, a 25 de Março de 90. Concluía assim «*umha vida densa e austera, dedicada a trabalhar por Galiza e a sua cultura*», como acertadamente a definiu a sua filha Maria Vitória.

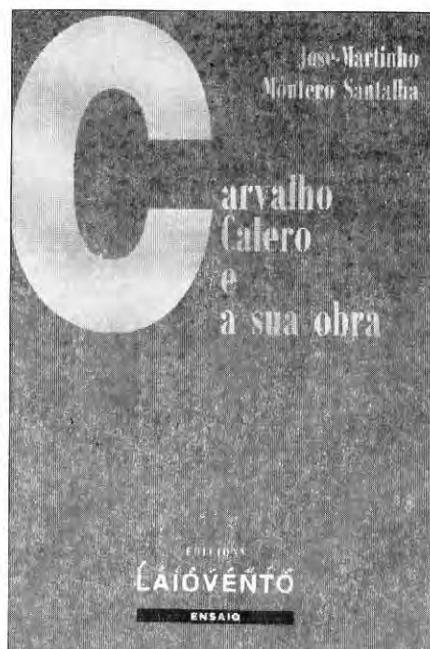
Nesse mesmo ano, o Concelho de Ferrol, a iniciativa da Sociedade Cultural Medúlio, institui o *Certame Anual de Narrativa e de Investigação Lingüístico-Literária Carvalho Calero*, o único de muitos que se celebram no país que admite liberdade normativa às pessoas concorrentes. Tendo assim entre os seus ganhadores a ferventes seguidores da doutrina cultural reintegracionista que Carvalho abandeirou, como seu grande amigo, Martinho Monteiro Santalha.

Em 1996, em acordo plenário, o Parlamento da Galiza nomeia-o por unanimidade *Filho Ilustre da Galiza*, ao mesmo tempo que instala a sua imensa Biblioteca pessoal num local do próprio Parlamento.

Em 2000, com motivo do décimo aniversário da sua morte, a iniciativa da *Fundação Artábria*, diversas instituições solicitam que se lhe dedique o Dia das Letras de 2001, por considerar o ferrolá Carvalho Calero umha das figuras mais importantes da cultura galega.

conhecemos carvalho calero

Bibliografia de referência



Carvalho Calero e a sua obra é o mais completo ensaio dedicado à sua figura, obra de Martinho Monteiro Santalha

Bibliografia de referência:

- Blanco, Carme; *Conversas con Carvalho Calero*, Galáxia, 1989.
- Fernám Velho, M.A., Pilhado Maior, F.; *Conversas en Compostela con Carvalho Calero*, Sotelo Blanco, 1986.
- Monteiro Santalha, Martinho; *Carvalho Calero e a sua obra*, Laiovento, 1993.
- Palharés, Pilar, Tato Fontainha, Laura; Ricardo Carvalho Calero. *Adignidade persoal*, Concelho de Ferrol, 1994.
- Salinas Portugal, Francisco; *Voz e Silêncio* (entrevista com R. Carvalho Calero), Ed. do Cúmio, 1991.
- VV.AA.; «Ricardo Carvalho Calero, a razom da esperanza», *ANosa Cultura* nº 13, eds ANosa Terra, 1991, juntamente com o vídeo «Ricardo Carvalho Calero; a possibilidade de rectificar a história».

a sua obra

conhecemos carvalho calero

A língua, factor ecológico



Em *Da fala e da escrita*, Carvalho argumenta
as razons do reintegracionismo

« (...) No caso galego, o idioma apresenta -como ocorre noutros meios geográficos ou puramente sociológicos- um valor de peculiar significação, enquanto é síntese, símbolo e reflexo da identidade do povo que o criou, sacramento -diríamos, selo e carimbo da nacionalidade, que num momento em que esta pugna por calhar em estruturas jurídicas e se sente ameaçada por umha degradação das suas essências, assume a função de muro defensivo da alheação, de umha parte, e de ponta de lança, por outra, na luta pola reintegração da personalidade colectiva, questionada, agredida, deteriorada ou desvirtuada pola adversidade histórica.

Quero dizer que a língua, no caso que nos ocupa, é assemade agarimo de tradição e arma de progresso, já que a sua existência é testemunho de persistência da cultura autóctone, mas, ao mesmo tempo, se nos oferece como energia, como capacidade dinâmica de projecção, de umha força autêntica de continuidade e evolução da mesma cultura.»

Texto tirado da sua obra
Do galego e da Galiza

conhecemos carvalho calero

O galego, objecçom de consciência



« Quê sentido pode ter a obrigatoriedade do ensino da nossa língua se nom cabe o dever de conhecê-la por parte dos galegos?. E quê sentido tem que a nossa língua seja língua oficial em Galiza se nom tenhem por que conhecê-la os que a tenhem por língua oficial?. Quê significa que o galego é língua própria de Galiza se nom rege o dever de conhecê-la e, portanto, o de estudá-la. Umha língua oficial que nom hai obriga de conhecer bem, portanto, estudar, como funcionará oficialmente?. A língua oficial nom é precisamente a que nom podem escusar-se de conhecer os sujeitos à correspondente ordenaçom jurídica?. Se eu nom tenho o dever de conhecê-la, como o meu filho vai ter o dever de estudá-la?. E se ninguém tem o dever de conhecê-la, nem de estudá-la, por quê se chama língua oficial?. Por quê podo usá-la, se quero, perante as autoridades autonómicas?. A isso se reduz a sua cooficialidade?

Segundo tal critério, na prática o galego seria umha língua para objectores de consciência. O galego seria no seu uso umha objecçom de consciência. Assim como aos sequazes de certas seitas religiosas se lhes dispensa o uso dos armas, assim aos sequazes da seita galeguista se lhes dispensaria o uso da língua estatal ».

Texto tirado de
Umha voz na Galiza

conhecemos carvalho calero

Bilingüismo e bigamia



A. Malde
Carvalho na homenagem organizada em Ferrol
pela S. C. Medúlio em 1981

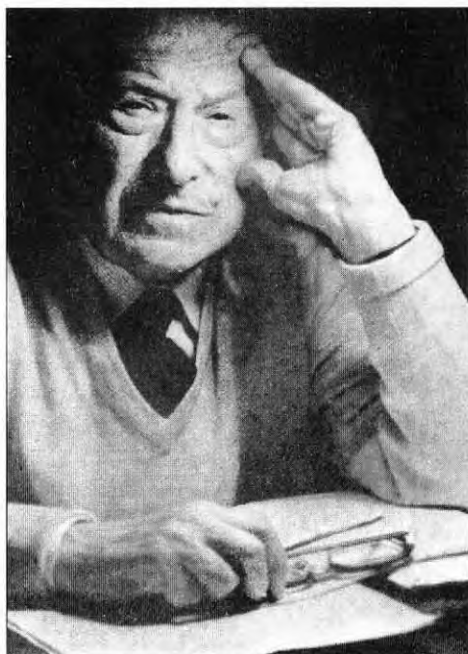
« O bilingüismo individual é umha realidade cultural hoje imprescindível. Mas um povo nom pode ser logicamente bilingüe, como um indivíduo nom pode ser legalmente bigamo. Um povo nom pode usar indiscriminadamente duas línguas. Essa seria umha situação anti-económica e anti-higiénica. Representaria umha dicotomia mental e umha volubilidade psíquica que nom suporia enriquecimento, senom incongruência e desorde. Essa situação nom é estável, e essa inestabilidade teria que desembocar na monarquia daquela das duas línguas que possuísse maior potência social. É o caso da nossa terra. Mentres tanto, o que funciona é umha diglossia, em que existe umha língua alta e umha língua baixa, situação que tem que resolver-se com a eliminação da língua menos rendível.

O equilíbrio da cooficialidade pode dar-se como custosa prática nos boletins impressos polas autoridades. Mas o uso social igualitário é umha utopia. Hai indivíduos polilingües, mas um bilingüismo no nível de povo, de nação, seria patológico».

Texto tirado da obra
Umha voz na Galiza

conhecemos carvalho calero

Nom estamos sós



Retratado polo fotógrafo Moncho Rama

« As fronteiras políticas nom podem impor estranjaría a formas dialectais, ou simples falas, do mesmo idioma. O labordano é basco, o roselhonês é catalâm, o aranês é gascom, o valom é francês, o flamengo é neerlandês, como o mexicano e o argentino som espanhol.

Nestas condições, o galego nom pode viver de costas ao português, pois o Minho nom é umha fronteira lingüística...»

Texto tirado da obra
Do Galego e da Galiza

conhecemos carvalho calero

Nom estamos sós



Capa de *Problemas da língua galega*,
publicado em Lisboa em 1981

« Nom gostaria que a ortografía galega permanecesse indefinidamente tutelada pola castelhana ou lançada a solitários experimentos, facendo uso dum arisco espírito de insularidade dentro do mundo románico, e desconectando-se, nom só do seu codialecto português, senom mesmo da sua própria história. Como nom se creia que a sua história é a história dos séculos em que viveu a-historicamente».

Texto tirado da sua obra
Da Fala e da Escrita

conhecemos carvalho calero

Nom estamos sós



Moncho Rama

No claustro da Faculdade, em 1985

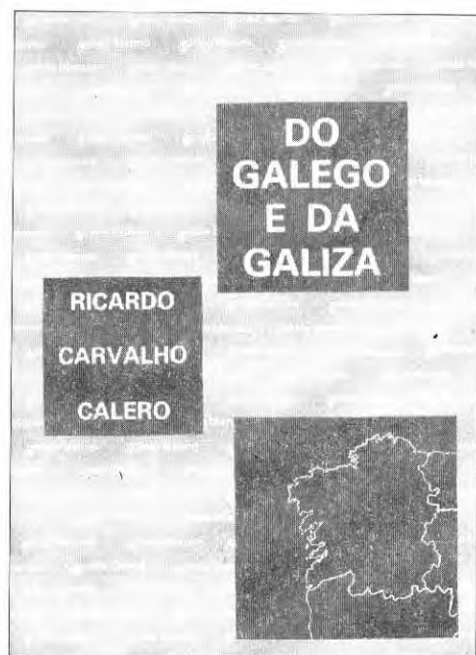
« Muitos séculos de castelhanizaçom tenhem influido na mentalidade dos galegos de tal jeito que mesmo os galeguistas mais radicais revelam às vezes o seu castelhanismo no seu radicalismo. O nacionalismo lingüístico que propugna o isolamento do galego, parece inconsciente manifestaçom de vassalage ao ponto de vista centralista castelhano.

(...) Nom é sensato ignorar o português quando se trata de ordenar o galego. Muitos dos problemas que causam a perplexidade dalguns escritores galegos, fôrom resolvidos polo português em forma perfeitamente aceitável para nós. Andar ensaiando soluçons que hai tempo fôrom contrastadas e seleccionadas polos nossos vizinhos, é jogo pueril ou cerril, ditado por umha indiferença ou umha xenreira perante o português, que parece resultado da inoculaçom dum vírus preparado por inimigos da pervivência do nosso idioma ».

Texto tirado da obra
Problemas da língua galega

conhecemos carvalho calero

Nom estamos sós



Volume publicado em 1990, com trabalhos
lingüísticos e de crítica literária

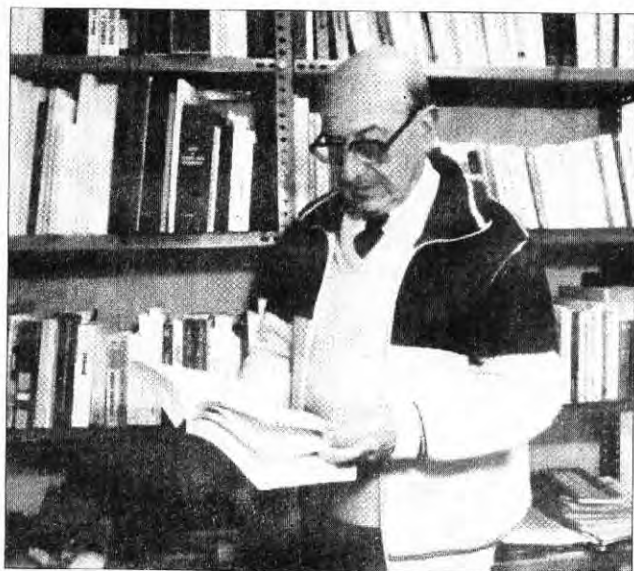
« A postura antilusista, ou seja separatista, ou isolacionista, tem sentido de umha perspectiva castelhanista. O que estime que o galego é umha antigualha inservível, ou simplesmente um expediente antieconómico, ou um insidioso atentado contra a unidade nacional, deve ser antilusista e antigaleguista; deve confessar-se abertamente castelhanista em matéria idiomática. A mim semelha-me mui razoável a postura do que cuide anacrónico o uso do galego, sempre que chamemos anacronismo todo intento de restauração, e antieconómico todo esforço que suponha um gasto de energia superior ao mínimo. É evidente que o uso do galego supom um esforço suplementar, e que se o suprimissemos aforrariamos fluído mental. A necessidade do galego, evidentemente, nom se sente no ventre, como dizia Castelao.

Mas se por motivos sentimentais ou políticos elegendos conservar a nossa identidade idiomática, temos que correr todos os riscos e arrostar todas as conseqüências. Nom podemos contentar-nos com um galego popular construído exclusivamente a base do galego castelhanizado de hoje.»

Texto tirado da obra
Da Fala e da Escrita

conhecemos carvalho calero

Normalização antes que normativização?



Moncho Rama

Foto de Carvalho no seu gabinete de trabalho

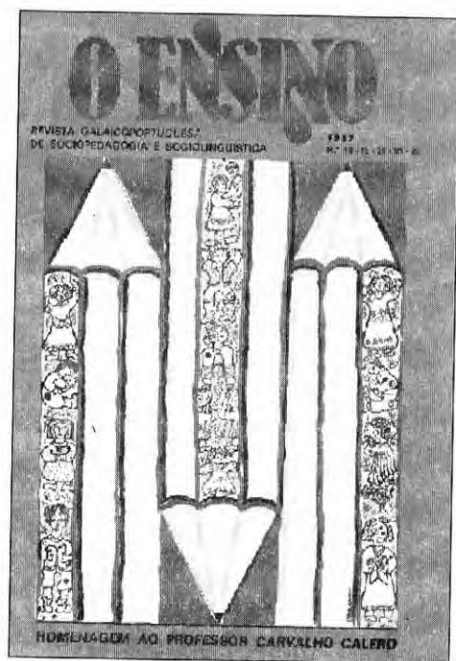
« Adiar o problema da normativizaçom, suspender as discussons sobre este ponto, é conferir vantagem à normativa oficial. Se suspendemos a nossa luta pola autenticidade do idioma, favorecemos a consolidaçom da situaçom oficial. Imos concentrar-nos em conseguir que a gente fale e escreva em galego. Mas, em quê galego?.

(...) Por outra parte, nom pode haver implantaçom geral do idioma no país -o que se costuma chamar normalizaçom sem alguma forma de normativizaçom, por mui flexível que seja».

Texto tirado da sua obra
Do galego e da Galiza

conhecemos carvalho calero

"Galicia oficial" vs. Galiza real



Número especial da revista de pedagogia
O Ensino dedicado em 1987 a Carvalho Calero

« (...) Todo o mundo sabe que eu professo em matéria linguística as ideias tradicionais, as ideias de Castelão, e como estas ideias são contrárias às ideias que reinam no mundo oficial, no aspecto cultural, pois, não tenho muito predicamento, ao parecer, dentro dessas esferas.

Consideram-me como um herege, como um cismático, ou como um corruptor da mocidade e se me exclui positivamente dos organismos oficiais».

Texto tirado dumha entrevista
Na Revista "O Ensino"

conhecemos carvalho calero

(Galiza) O país que nom sabia como se chamava



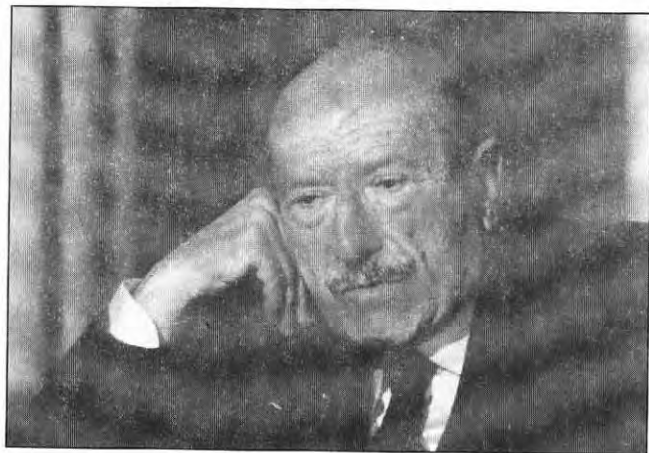
Colectânea de artigos jornalísticos sobre língua e
literatura publicada postumamente em 1992

« (...) Ao desaparecer o cultivo literário do galego, desapareceu da fala residual o nome autêntico do país e, como ocorreu com tantas outras designativas de conceitos de direito público civil ou canónico, a palavra galega foi substituída pola castelhana, temos modernamente Galicia -como Dios- no galego vulgar. Ao restaurarmos a língua literária, devemos restaurar Galiza como Deus, que é o que achamos na escrita histórica ...»

Texto tirado da obra
Umha voz na Galiza

conhecemos carvalho calero

Bibliografia de Ricardo Carvalho Calero



Carvalho Calero visto polo fotógrafo A. Malde

Ensaio

- *Historia da Literatura Galega Contemporánea I*, Ed. Galáxia, Vigo **1963**. Oito capítulos sobre a literatura do século XIX. Tivo três edições, a última em 1981. Estava previsto uma nova, revista e em galego correcto, como era desejo de Carvalho Calero, para 1992.
- *Gramática Elemental del Gallego Común*, Ed. Galáxia, Vigo, **1966**. Tivo sete edições, a última em 1979.
- *Sobre língua e Literatura Galega*, Ed. Galáxia, Vigo, **1971**. Colectânea de 30 estudos de anos anteriores sobre literatura galega medieval e contemporânea, e de lingüística galego-portuguesa.
- *Real Academia Galega, Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego*, A Coruña, **1971**. Tivo uma segunda edição em 1977.
- *História da Literatura Galega Contemporánea [(1808-1936)]*, Ed. Galáxia, Vigo, **1975**. Tem 13 capítulos. Edição num só tomo dos oito primeiros capítulos da edição de 1963, e mais cinco novos.
- *Prosa Galega I: desde os primeiros oitocentistas ao grupo Nós*, Ed. Galáxia, Vigo, **1976**. Feito em colaboração das suas ajudantes na "Cátedra de Lingüística e Literatura Galega", Carme García Rodríguez e Lidia Fontoira Suris.
- *Prosa Galega II: dos novecentistas aos nossos dias*, Ed. Galáxia, Vigo, **1978**. Feito em colaboração das suas ajudantes na "Cátedra de Lingüística e Literatura Galega", Carme García Rodríguez e Lidia Fontoira Suris.
- *Estudos Rosalianos: Aspectos da Vida e Obra de Rosalia de Castro*, Ed. Galáxia, Vigo, **1979**. Colectânea de trinta estudos e ensaios sobre a escritora.
- *Libros e Autores Galegos I (1979)* = libros e autores galegos: dos trovadores a Valle-Inclán, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, A Coruña, **1979**. Colectânea de artigos.
- *Xunta de Galicia, Consellería de Educación e Cultura, Comisión de Lingüística, Normas Ortográficas do Idioma Galego*, Compostela, **1980**.
- *Prosa Galega III: da época trovadoresca ao neoclasicismo*, Ed. Galáxia, Vigo, **1980**. Junto de Carme García Rodríguez e Lidia Fontoira Suris.
- *Problemas da Língua Galega*, Sá da Costa Editora, Coleção Noroeste, nº2, Lisboa, **1981**. Colectânea de Artigos sobre a nossa língua.
- *Libros e autores Galegos II (1982)* = Libros e autores galegos: Século XX, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, A Coruña, **1982**. Recolha de artigos sobre literatura galega. Segundo volume.
- *Da Fala e da Escrita*, Galiza Editora, Ourense, **1983**. Colectânea de

trabalhos, predominantemente lingüísticos.

- *Letras Galegas*, Associação Galega da Língua (A.Ga.L), A Corunha, 1984. Artigos sobre língua, literatura e cultura galegas.
- «*La fuerza Pública en la Universidade de Santiago y otros escritos escolares*» (1930-1933), Colecçom Documentos para a Historia Contemporânea de Galiza. Eds do Castro, Sada-A Corunha, 1987.
- *Escritos sobre Castela*, Sotelo Blanco Eds., Compostela, 1989.
- *Estudos e Ensaio sobre literatura galega*, Eds. do Castro, Sada-A Corunha, 1989.
- *Do Galego e da Galiza*, Sotelo Blanco Eds., Compostela, 1990. Estudos prevalentemente lingüísticos.
- *Umha Voz na Galiza: artigos de jornal (1933-1989)*. Apresentação de Carme Blanco, Sotelo Blanco, Compostela, 1992.

Narrativa

- *Os tumbos*, em ALBA (Vigo), nº5, Vigo, 1950.
- *A Xente da Barreira*: novela; Bibliófilos Gallegos (Colecçom Biblioteca de Galicia, nº3), Compostela, 1951.
- *As pitas baixo a Chuvia*; em *Lar*, Revista de la Asociación Gallega de la Beneficencia y Mutualidad «Hospital Gallego», Buenos Aires, 1952.
- *A Cigoña*, em *Vida Gallega* (Lugo), nº 729, 1957.
- *Aos amores Serodios*, em *Grial* (Vigo), Vol. 17, nº 63, Janeiro-Março 1979. Mistura de narrativa e Ensaio.
- *A Gente da Barreira e Outras histórias*, Follas Novas, Compostela, 1982. Reedición de toda a narrativa publicada anteriormente.
- *Narrativa Completa: A Gente da Barreira. Os Señores da Pena. O Lar de Clara. As Pitas baixo a Chuvia. Os Tumbos. A Cegoña. Aos Amores Seródios*, Eds do Castro, Sada-A Corunha, 1984. Segunda compilaçom de obras narrativas, que inclui dous novos relatos quanto à anterior compilaçom.
- *Scórpio*, Sotelo Blanco Eds., Compostela, 1987. Romance histórico, em grande medida auto-biográfico. Tivo umha segunda edição em 1989.

Poesia

- *Vieiros*, Nós Publicazóns Galegas e Imprenta, A Corunha, 1931.
Primeiro libro de poemas em galego, escritos no período 1927-31.
- *O Silenzo axionllado* (1931-34), Ed. Nós, Compostela, 1934.
- *Anxo de Terra*, Colección Benito Soto, nº7, Pontevedra, 1950.
- *Poemas pendurados dum cabelo*, Colección Xistral, ao cuidado do Angel Johán, nº2, Lugo, 1952.
- *Salterio de Fingoi*, Ed. Galáxia, Colección Salnés, nº2, Vigo, 1961.
- *Pretérito Imperfeito* (1927-1961), Eds. do Castro, Sada - A Corunha 1980. Auto-escolha dos cinco livros poéticos publicados até o ano 1961: *Vieiros*; *O silêncio Ajoellado*; *Anjo de Terra*; *Poemas pendurados dun Cabelo* e *Salterio de Fingoi*.
- *Futuro Condicional* (1961-1980), Eds. do Castro, Sada - A Corunha, 1982.- *Cantigas de Amigo e Outros Poemas* (1980-1985), com ilustrações e capa de Filipe Criado, Associação Galega da Língua (A.Ga.L), A Corunha, 1986.
- *Reticências...* (1986-1989), Sotelo Blanco Eds., Compostela, 1990.

Teatro

- *Farsa das Zocas*, em *Grial* (Vigo), Vol. I, nº1 Julho-Setembro, 1963.
- *A Arbre*, em *Grial* (Vigo), vol.3, nº9, Julho-Setembro, 1965.
- *Auto do Prisoneiro*, em *Grial* (Vigo), vol.8, nº28, Abril-Junho, 1970.
- *Catro Pezas : A Sombra de Orfeo, Farsa das Zocas, A Arbre, Auto do Prisoneiro*, Ed. Galáxia, 1971. Primeira compilação de obras dramáticas.
- «*Li Hsing-Tao: O Redondel*», Adaptación e versión galega nun acto para Teatro infantil, em *Grial* (Vigo), Vol. 17, nº 64, Abril-Junho, 1979. Com a colaboração de C. García.
- *Teatro Completo: O Fillo, Isabel. A Sombra de Orfeu. Farsa das Zocas. A Árbore. O Redondel. Auto do Prisoneiro. Os Xefes*. Eds. do Castro, Sada - A Corunha, 1982. Compilação de toda a sua obra dramática.

Ricardo Carvalho Calero além destas obras, fijo várias edições críticas e antologias dos clássicos da nossa literatura, assi como prólogos e estudos diversos sobre a cultura galega em múltiplas obras.

Bibliografia tirada do livro *Carvalho Calero e a sua Obra*, de Martinho Monteiro Santalha, Eds. Laiovento, 1993.
Obra imprescindível e de consulta obrigada para um aprofundamento sobre a figura do insigne galego Ricardo Carvalho Calero.



Edita

ARTÁBRIA

fundación

Colaboram



Confederación
Intersindical Galega
Formación Interna



Concello de Ferrol
EDUCACIÓN



Concello de Narón
CULTURA



FENE
CONCELLO



Concello de Cedeira
CULTURA



CONCELLO DE SANTIAGO



Concello das Pontes
CULTURA

